

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE HISTÓRIA

LUCAS TRÉVIA DE OLIVEIRA

**CAVALEIRO NO SÉCULO XX: A REPRESENTAÇÃO DO CAVALEIRO MEDIEVAL
NA CONTEMPORANEIDADE A PARTIR DA OBRA *AS BRUMAS DE ÁVALON* DE
MARION ZIMMER BRADLEY (1979)**

Fortaleza

2015

LUCAS TRÉVIA DE OLIVEIRA

**CAVALEIRO NO SÉCULO XX: A REPRESENTAÇÃO DO CAVALEIRO MEDIEVAL
NA CONTEMPORANEIDADE PARTIR DA OBRA *AS BRUMAS DE ÁVALON* DE
MARION ZIMMER BRADLEY (1979)**

Projeto de monografia apresentado com o intuito de realização de pesquisa acadêmica a respeito do tema tratado e obtenção de graduação.

Orientador: Prof. Dr. Gleudson Passos
Cardoso

Fortaleza
2015

1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Pretende-se abordar o tema referente à representação¹ do “cavaleiro do século XX”, a fim de entender o momento histórico em que ela foi ressignificada na contemporaneidade, sob a ótica da autora Marion Zimmer Bradley (1930-1999).

Desde a própria medievalidade o cavaleiro é visto como o maior símbolo do militarismo e da força da nobreza senhorial e, de certa forma, do próprio Deus, como demonstrado na passagem a seguir:

Ora, se os clérigos têm mestre e estão em escolas para serem bons, e se há tantas ciências que se encontram em forma de doutrina e letras, injúria muito grande é feita à Ordem de Cavalaria porque não é uma ciência ensinada pelas letras e por não ter escolas como têm as outras ciências. Logo, por isso, aquele que compõe este livro suplica ao nobre rei e à toda sua corte que está reunida pela honra da Cavalaria, que seja satisfeita e restituída a honrada Ordem de Cavalaria, que é agradável a Deus (LLULL, 2000, c. 1, p.15).

Esta própria nobreza, regida até certo ponto pela vontade da igreja e, também, por seus próprios interesses, viria de encontro aos infiéis e pagãos em nome de seu Deus, que não aceitaria outras formas de poder, destruindo ou assimilando as demais culturas da maneira que fosse conveniente ao seu processo de autoafirmação. “Assim como os velhos santuários galo-romanos e gauleses foram, desde os primeiros séculos, transformados em capelas (o santo local herdava às vezes o mesmo nome da divindade pagã) [...]” (OLDENBOURG, 1968, p. 64).

Nas últimas décadas tem surgido uma releitura do medieval, a qual traz ao público um cenário diferente, mais atraente e romântico. Esta representação recente influenciou uma série de fatores da sociedade medieval e o cavaleiro, como símbolo do militarismo e da força dos senhores feudais, não foi deixado fora deste processo. Na contemporaneidade, “O cavaleiro medieval é retratado nas obras literárias, em filmes românticos e em contos de fadas como sendo o homem perfeito, idealizado e criado para ser seguido, venerado e temido.” (SILVA JÚNIOR, 2015, p. 13). Dentro de tal contexto, a obra da norte-americana Marion Zimmer Bradley (1930-1999), *As brumas de Avalon* se encaixa perfeitamente na representação de uma cavalaria heroica, romântica e até mais humana do que originalmente seria.

No momento de publicação da obra, nos Estados Unidos, havia uma crise político-econômica. O país estava voltando de uma guerra com o Vietnã, uma

A representação, de acordo com Chartier, é apresentada como uma forma de dar conta da coisa ausente ou como exibição de uma presença.

derrota visível que agiu como uma mancha no ego estadunidense. A própria política estava fragilizada devido a incertezas políticas que viriam a colocar Ronald Reagan, um conservador, no poder e, desta forma, vários benefícios sociais seriam cortados ou reduzidos. Do ponto de vista econômico, o país enfrentava uma enorme crise que já perdurava por alguns anos, a crise do petróleo, gerada pela alta nos preços, determinada pelos países do Oriente Médio, além do aumento desenfreado na demanda estadunidense por energia a base de petróleo.

Utilizando-se das palavras de Chartier (1990, p. 17), que diz em sua obra que “As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam.”, podemos concluir que há sim influência do contexto externo sobre a produção da obra.

A partir do imaginário do rei Arthur e de Avalon, a autora da obra analisada consegue abordar de maneira crítica uma série de questões vigentes mesmo nos dias atuais, como as noções de deus e de religião, as quais são claramente retratadas na obra pelo conflito entre o cristianismo crescente na Bretanha durante toda a série e a crença dos druidas e sacerdotisas de Avalon. Também são demonstradas reflexões a respeito da liberdade individual, do uso dos corpos, homoafetividade e, principalmente, o papel da mulher dentro da sociedade, fatores estes que podem ser atribuídos às tendências feministas da autora.

O enfoque da série de quatro livros não é a guerra ou qualquer tipo de conflito armado, sendo estes praticamente inexistentes na trama. A ideia da obra é retratar um comportamento mais humano das sociedades medievais, pois, apesar da obra ser visivelmente ficcional, ela se baseia no imaginário medieval.

O objeto desta pesquisa, como já sugerido pelo título, está imbricado nas discussões abordadas pela autora; a retratação diferenciada da sociedade medieval a qual costuma ser lembrada pelas barbáries e as guerras sangrentas. A abordagem retrata o medieval não apenas como um enorme ambiente de guerra, como, em parte, foi. Mas traz outros aspectos, como o interior dos palácios e a vida fora do campo de batalha, trazendo o aspecto humanizado a várias figuras, como o rei, as mulheres e os cavaleiros. Este, como soldado e símbolo maior do militarismo e da força dos senhores, também veio a ganhar uma representação mais “emocional”, mais liberta do que os manuais de conduta julgavam correto. Na obra analisada os

personagens devem lidar em plano mais aparente com seus dilemas e amores, suas vontades e seus sentimentos, como pode ser observado no trecho:

- Também eu não sei em que creio. Mas vi tantos homens morrerem, e também mulheres e crianças, nesta prolongada guerra, que me parece que estou lutando desde que tive tamanhobastante para segurar uma espada. (BRADLEY, 2008, v. 2, p. 118).

Ao analisar tal conjuntura, percebe-se que esses sentimentos, como em qualquer ser humano normal, influenciam positivamente, ou negativamente em seu ofício de cavaleiro (LULL, 2000), podendo conduzi-lo à glória ou à vergonha, como observado no trecho a seguir:

Você falou ainda há pouco de Deus e Cristo, mas nenhumrei cristão permite que a vingança pessoal seja realizada, pela espada, ante seu trono de justiça. Ouviu o que eu disse, Balim, que já não é mais meu cavaleiro nem meu Companheiro? (BRADLEY, 2008 v. 3, p. 67)

Não se pode deixar de destacar, a partir do objeto de análise, o papel da religiosidade na vida do cavaleiro e da corte, entrando em consonância com as produções Lull (2000) e Barthelemy (2010)m que sugerem um cavaleiro fiel a seu senhor e temente a Deus.

2 JUSTIFICATIVA

Como objeto de estudo dos historiadores, o medieval ganhou várias interpretações conforme o tempo, variando entre o pessimismo e o otimismo. Cabe aos historiadores compreender não apenas os acontecimentos do período, as suas mudanças sociais, econômicas e políticas, mas também, lembrar-se de que a Idade Média foi protagonizada, antes de tudo, por homens e mulheres, sendo também a cultura medieval, as ações e mesmo o próprio pensamento do homem medieval de interesse para a área. No entanto, deve-se dar maior destaque à nobreza, da qual provém a cavalaria, foco principal do estudo a ser empreendido. Dessa forma, ao abordar o comportamento da nobreza senhorial da Idade Média, Partner (1991, p. 14) afirma que:

A vida do nobre medieval era dedicada à agressão, à brutalidade e ao derramamento de sangue em favor de sua linhagem. Ele podia tentar temperar esse comportamento fundando igrejas ou mosteiros, ou mesmo buscando a vida monástica, mas no conjunto os nobres guerreiros desprezavam, ou na melhor das hipóteses, desconsideravam os clérigos, e estavam longe de toma-los como modelos. Nossa ideia moderna, influenciada pelo brilho idealista conferido à cavalaria pelos românticos, é de harmonia entre a espada e o altar – nada podia estar mais longe da verdade medieval.

Antes de tratar da série de livros em si, já com o intuito de iniciar uma espécie de contraposição, é importante tratar do contexto em que nasceu *As brumas de Avalon*. A obra lançada em 1979 nos Estados Unidos, foi, como em boa parte das produções, afetada pelo contexto político social e econômico do local. As crises políticas, resultado da derrota na guerra, crise econômica, gerada pela alta na demanda americana por petróleo e no preço deste e crise social, causada pelas duas outras e por outros tipos de insatisfação. A ascensão do governo de caráter conservador, bem como a busca por inspirações para o povo americano, conduziram vários trabalhos a voltarem-se para o ambiente medieval.

Essa obra faz a releitura do imaginário medieval em um ambiente existente (Bretanha), em um período próximo ao da queda do Império Romano (alta Idade Média), sobre a qual existe um grande número de obras pertinentes ao pensamento da época. O próprio contexto bretão, até certo ponto, é abordado, podendo citar como exemplo as guerras contra os saxões, também fazendo referência aos romanos..

A obra aborda principalmente a nobreza, focando principalmente nos acontecidos dentro dos castelos. Os personagens principais em geral são ligados ao rei, sendo Lancelote o maior exemplo a ser utilizado nesta pesquisa, já que a figura

tratada é a do cavaleiro que, apesar de não ser o foco da obra, é um segmento da sociedade medieval que está sempre presente dentro do contexto. Esta cavalaria retratada, é razoavelmente diferente do descrito em manuais de cavalaria, como o de LLULL (2000), que estabelece o cavaleiro antes de tudo como soldado, defensor das tradições e de seu senhor. Em *As Brumas de Avalon*, há a humanização do personagem por parte da autora.

Ao falar sobre o período medieval, nos dias atuais, pode-se facilmente construir uma ideia saudosista sobre esse ele, principalmente porque as fontes mais conhecidas são bastante atuais, mais especificamente da segunda metade do século XX, período em que houve exaltação do medievo, baseada em princípios gerais, como a honra e a nobreza. Para Le Goff (2005, p. 66):

As mudanças não se dão jamais de golpe, simultaneamente em todos os setores e em todos os lugares. Eis porque falei de uma longa Idade Média que – em certos aspectos de nossa civilização – perdura ainda e, às vezes, desabrocha bem depois das datas oficiais [...].

Isso implica dizer que a medievalidade é, em si, variável. Não existe um fator determinante que afete ao mesmo tempo todo o cenário do medievo, mas sim, uma série de pequenos acontecimentos.

Em relação a contemporaneidade, a análise medieval depara-se com um fator diferenciado, mesmo no que tange à historiografia. As representações de cunho literário e cinematográfico. A partir destas representações, a figura do cavaleiro é tratada de forma a colocar a realidade histórica em segundo plano como citado em Arias (2010, p. 11):

Com alguma freqüência é apresentada para nós, nos dias atuais, a imagem idealizada de cavalaria medieval como a de um grupo formado por homens de elevada conduta moral e ética, voltados à proteção dos fracos e oprimidos, com uma fidelidade inabalável ao seu senhor ou rei e à palavra dada em juramento [...].

Tal afirmativa leva à conclusão de que os literários dão uma nova roupagem ao cavaleiro, a qual prioriza a vendagem do personagem e, por conseguinte, da obra à precisão histórica. Em sua obra, Duby (1994, p. 17), se questiona sobre os estudos acerca de pesquisas envolvendo imaginário, quando fala que:

A dificuldade é outra. Como confrontar o imaginário com o concreto? Como dissociar o estudo “objectivo” do comportamento dos homens do dos sistemas simbólicos que lhes ditaram a conduta e a justificaram a seus olhos? Estará na mão do historiador despojar inteiramente as sociedades antigas do seu revestimento ideal? Poderá vê-las de uma maneira diferente daquela, como elas próprias se viam, se sonhavam?

Contudo ele mesmo responde ao decorrer de sua obra, citando a importância do imaginário no estudo da compreensão das culturas, sendo este um dos focos desta pesquisa.

Este trabalho servirá, principalmente, para tratar, comparativamente, das semelhanças e das diferenças entre o medieval descrito na visão da autora e o real, utilizando um fator que, como citado anteriormente, sempre esteve presente, de diversas formas, em tal contexto: a representação do cavaleiro. Para os historiadores atuais, funcionará como um acréscimo aos estudos a respeito do período medieval, bem como uma forma de elucidar as dúvidas existentes no que diz respeito à medievalidade, as quais se fundamentam em obras recentes e são impelidas, por afinidade a estudar tal tema.

Assim, este trabalho vem, ao mesmo tempo, apontar e esclarecer uma série de dúvidas que podem vir a surgir, como por exemplo: .- até onde o cavaleiro galante, salvador de donzelas e honrado pode ser descrito, de forma fiel ao real, nos romances atuais? Em que aspectos essa representação é idêntica ao real e em que aspectos ela é diferenciada? E quais as motivações que conduzem esta repaginação de um personagem histórico?

- Ah, sim, como aquele herói saxão que perdeu um dos braços lutando contra o monstro do lago. Meus atos e proezas foram transformados em canções, porque a verdadeira história não é tão excitante para ser narrada junta da lareira durante o inverno. (BRADLEY, 2008. V 3, P 28)

Vale ressaltar que a visão romântica de hoje em dia tem seu valor, dada sua capacidade de trazer ao público dos tempos atuais uma visão inicial a respeito de alguns valores do medieval, sendo fator determinante, em um mundo de imagens e simbologias, para o despertar da curiosidade a respeito do período e portanto, não deve ser desprezada. Entretanto, é importante observar incongruências em relação à realidade, pois esse tipo de literatura é voltada para um fim específico, visto que:

Uma vez escrito e saído das prensas, o livro, seja ele qual for, está suscetível a uma multiplicidade de usos. Ele é feito para ser lido, claro, mas as modalidades do ler são, elas próprias, múltiplas diferentes e segundo as épocas, os lugares, os ambientes (CHARTIER, 2003, p. 173).

Essa visão romântica ressalta os aspectos positivos do período, eliminando as impurezas e um pouco do valor que torna os reis, os nobres e os cavaleiros, humanos. O medieval não foi construído por reis, rainhas, bispos ou guerreiros. Foi construído por homens e mulheres.

A relevância desta pesquisa para a historiografia se dá na correlação entre a visão do imaginário e da realidade, bem como na exploração de um contexto

anteriormente através de repaginações feitas em outro período. A análise a ser defendida servirá como acréscimo às discussões atuais e como fomentador para as futuras, também podendo servir de motor a novas discussões para uma melhor compreensão do medievo e da complexidade de suas conjunturas.

3 OBJETIVOS

3.1 Geral

Analisar a representação do cavaleiro na contemporaneidade tendo como parâmetro a obra *As Brumas de Avalon*.

3.2 Específicos

- Analisar as diferenças entre a figura do cavaleiro relatada pela historiografia vigente e a descrição romântica dos autores atuais.
- Compreender a importância da literatura atual na compreensão do medievo como um todo, compreendendo lados positivos e negativos.

4: REFERENCIAL TEÓRICO

Analisando as principais conceitos abordados no projeto, nota-se que a pesquisa tem como campo de atuação a história cultural. Será encaixada, de forma mais específica, no diálogo da história com a literatura. Portanto, a pesquisa se utilizará das obras de Roger Chartier, se apropriando principalmente do conceito de representação abordado na obra *A história cultural, entre práticas e representações*. Conceito este surgido no século XX, como uma nova forma de análise de civilizações diferenciadas a partir da abertura da história para a interdisciplinaridade. Nas palavras do próprio CHARTIER, (1990, p. 14):

[...] O desafio lançado à história pelas novas disciplinas assumiu diversas formas, umas estruturalistas, outras não, mas que no conjunto puseram em causa os seus objetos – desviando a atenção das hierarquias para as relações, das posições para as representações – e as suas certezas metodológicas – consideradas mal fundadas quando confrontadas com as novas exigências teóricas [...] (CHARTIER, 1990, p. 14).

Como o trabalho se utiliza do conceito de imaginário medieval, a abordagem de Georges Duby em *As três ordens ou o imaginário do feudalismo* assume um caráter de um caráter de extrema importância para a compreensão acerca do conceito de imaginário que, para Duby consiste na ascensão de uma determinada representação mental aos níveis mais altos da expressão escrita. A utilização do conceito de imaginário em Duby se dá de forma presente, principalmente no tocante ao medievo e às suas concepções, suas culturas e, portanto, seus personagens.

Da mesma forma, outros medievalistas de renome virão a ser utilizados na pesquisa, como Jacques Le Goff que, com todas as suas obras gerou um novo entendimento do medievo e da miríade de singularidades variáveis nele presentes. Le Goff (2005, p. 80-81) deixa claro que:

A Idade Média ocidental não é programada. Nasce de uma aculturação na qual se confundem pouco a pouco os usos e costumes greco-romanos com os dos 'bárbaros'. Nasce também da confrontação com o Islam. Na origem, de fato, nada predisponha o Império do Ocidente – que englobava a África do Norte – a se tornar 'europeu'. Da conquista muçulmana na Espanha (século VIII) até a hegemonia otomana nos Bálcãs (século XIV), o Ocidente não se concebe em si mesmo como entidade geopolítica. Estrutura-se apenas por sua existência diante de um mundo que se mostra hostil.

Partindo das afirmações do autor, é possível avaliar o medievo de diversos campos, como ele mesmo o fez. Sua obra completa trata de diversos aspectos do período, como a própria noção de medievalidade, a sociedade, os ambientes e as visões do homem diante de Deus e dos acontecimentos, bem como de seu comportamento.

Por fim o próximo conceito que virá a ser tratado é o de cavalaria, principalmente trabalhado por Barthelemy em sua obra *A Cavalaria*, na qual ele descreve o comportamento dos cavaleiros através do processo histórico que afetou o Ocidente, passando pelos processos de humanização e pelas cruzadas, abordando de maneira completa e coerente as mudanças, justificando-as e apontando os aspectos por trás destas, identificando veementemente o papel da igreja e do processo de cristianização na construção do cavaleiro medieval:

Aos bons Cavaleiros do ano 1000, respeitosos e arrependidos (por um tempo), que solicitam ajuda, oferecendo aliança e esmola, a Igreja não tem nenhuma razão para recusar sua bênção, e frequentemente os estandartes de seus santos. (BARTHELEMY, ano, p. 298).

A abordagem de Barthelemy, junto com o auxílio do manual de Ramon Llull funcionarão como instrumentos de comparação do comportamento do cavaleiro com as fontes que serão analisadas no decorrer do trabalho.

5 INDICAÇÕES METODOLÓGICAS

Metodologia, em termos científicos, compreende ao conjunto de abordagens, técnicas e processos utilizados para formular e resolver problemas de aquisição objetiva do conhecimento, de uma maneira sucinta. Desta forma, temos a visão de Marconi e Lakatos (2003, p. 85) que a definem como:

[...] conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

O presente trabalho é de caráter prospectivo com abordagem comparativa e se desenvolverá por meio de pesquisa bibliográfica que, de acordo com Gil (2002, p. 44) é aquela “[...] desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...]”. Este tipo de pesquisa é relevante por “[...] permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente [...]” (GIL, 2002, p. 45).

Com base nesta afirmação, iniciou-se o levantamento de artigos impressos e eletrônicos e livros diversos sobre o tema, recorrendo a autores como Arias, (2010); Chartier (2003); Lull (2000); Oldenbourg (1968); Partner (1991); Silva Júnior (2015); os quais servirão de bibliografia que possibilitará a construção do arcabouço teórico que estará presente na monografia, auxiliando na discussão da temática proposta.

Com relação ao uso de fontes, o foco, como a proposta anteriormente citada sugere, é tratar com fontes literárias, sendo *As brumas de Avalon* o material principal a ser analisado, com o intuito de ser posto em choque com a bibliografia através de análise comparativa, fazendo a reflexão a respeito da produção da obra, bem como a análise do discurso abordado pela autora.

Dessa forma, após a coleta de informações, dá-se procedência à análise para a elaboração do resultado por meio do método dialético. Para Konder (1986, p. 8) dialética “[...] é o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação.”. Para Suertegaray (2002, p. 2):

No método dialético, o campo como realidade não é externo ao sujeito, o campo é uma extensão do sujeito, como é numa outra escala a ferramenta para trabalhar uma extensão do seu corpo, ou seja, a pesquisa é fruto da interação dialética entre sujeito e objeto.

A pesquisa será organizada em categorias como: levantamento bibliográfico;

análise e discussão dos dados coletados e conclusão da análise e dos resultados obtidos durante a comparação bibliográfica.

Através desse processo, torna-se viável a pesquisa através da comparação entre o representativo e o real, de modo a trazer elementos de ambos os aspectos a fim de trazer à tona uma compreensão final a respeito das singularidades da obra, bem como sua possível relevância histórica a partir das características inerentes dos cavaleiros citadas. Também é possível a realização de um breve estudo, apenas a título de complementação, acerca do mercado editorial na época da produção da obra, com o intuito de determinar, a partir da periodização, as intenções da autora com a obra e o pensamento dos autores do período a respeito do medievo.

FONTES

BRADLEY, M. Z. **As Brumas de Avalon: A grande rainha**. Rio de Janeiro: Imago, 2008. (Série As Brumas de Avalon, 2).

BRADLEY, M. Z. **As Brumas de Avalon: o Camo-Rei**. Rio de Janeiro: Imago, 2008. (Série As Brumas de Avalon, 3).

BRADLEY, M. Z. **As Brumas de Avalon: o prisioneiro da árvore**. Rio de Janeiro: Imago, 2008. (Série As Brumas de Avalon, 4).

REFERÊNCIAS

ARIAS, A. A. M.. A Rapina como meio de vida da aristocracia cavaleiresca: o exemplo da “Gesta dos Lorenos”. n: ZIERER, A. (org), SOUZA, N, GOMES, F. S. (colab). **Uma viagem pela Idade Média: estudos interdisciplinares**. São Luis: Editora UEMA, p.11 – 18, 2010.

BARTHÉLEMY, D. **A Cavalaria: da Germânia antiga à França do século XII**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

CHARTIER, R. **Leituras e leitores na França do Antigo regime**. São Paulo: UNESP, 2003.

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DUBY, G. **As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo**. 2 ed., Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

GIL, A. C. Como classificar as pesquisas? *In*: GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. cap. 4, p. 44-57.

KONDER, L. **O que é dialética?** 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. 87 p.

LAKATOS, E. Maria.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 311 p.

LE GOFF, J. **Em busca da Idade Média**. Com a colaboração de Jean-Maurice de Montremy. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

LLULL, R. **O livro da Ordem de Cavalaria**. Trad. Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2000

OLDENBOURG, Z. **As Cruzadas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

PARTNER, P. **O assassinato dos Magos: os templários e seus mitos**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

SILVA JÚNIOR, C. A. **Valores cristãos e ética cavalheiresca: uma análise da formação do cavaleiro ideal a partir do livro da Ordem da cavalaria (1279-1283)**. Fortaleza: [s. n], 2015.

SUERTEGARAY, D. M. A. Pesquisa de campo em geografia. **Geographia**. v. 4, n. 7, p. 64-68, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/78/76>>. Acesso em: 02 jul. 2015.